

Processos de relativização e marcadores relativos em crioulo de Cabo Verde

Nélia Alexandre¹

Universidade de Lisboa / Onset-CEL

1. Introdução

Segundo Comrie (1981:148), «a given language may have more than one type of relative clause construction in its over-all battery of relative clause formation possibilities. (...) The distribution of types within a language, however, is not completely arbitrary (...)». Dado que o Crioulo de Cabo Verde (CCV), variante de Santiago, se comporta desta maneira relativamente àquela área da gramática, a análise das orações relativas nesta língua de base lexical portuguesa assume uma importância acrescida quer descritivamente, quer tipologicamente. Deste modo, o artigo que se apresenta foca os seguintes tópicos da sintaxe de relativização do CCV:

- (i) Tipos de orações relativas em Crioulo de Cabo Verde (cf. secção 2.);
- (ii) Estratégias de relativização em CCV (cf. secção 2.);
- (iii) Natureza dos marcadores relativos em CCV (cf. secção 3.).

As orações relativas diferem entre si relativamente a vários aspectos, sendo o resultado da interacção de factores sintácticos e semânticos. Cada tipo de oração relativa pode envolver uma ou mais estratégias de relativização, obedecendo a determinadas condições sintácticas, como se expõe no Quadro 1.

Relativização	Com movimento-A'	Com <i>pied piping</i> + variáveis vazias
		Sem <i>pied piping</i> + vestígios realizados
	Sem movimento-A'	<i>PP-Chopping</i>
		Resumptivos

Quadro 1. Condições sintácticas sobre os processos de relativização

Considerando o Quadro 1., a questão que se coloca é a de saber em que condições é adoptada cada uma das estratégias.

¹ Projecto BD/13536/2003 apoiado pelo Fundo Estrutural Europeu do IIIº Quadro Comunitário de Apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Como em qualquer língua, o CCV comporta-se relativamente a este tópico de uma forma ‘esclarecedora’. Tipologicamente, este crioulo disponibiliza orações relativas restritivas, apositivas e livres (cf. (1)-(3), respectivamente), introduzidas por complementadores, como em (1) e (2), ou por pronomes relativos, como em (3).

- (1) [_{DP} (Kes) pisa_i, [_{CP} OP_i ki t_i é furdadu na Estudos
(DET) pessoa que ser formado em Estudos
Portugueses]] ta bai ser prumuvidu.
Portugueses IMPERF ir ser promovido
‘As pessoas que são formadas em Estudos Portugueses vão ser promovidas.’
- (2) [_{DP} Purtugês_i, [_{CP} OP_i ki nu ta prende t_i óki nu
Português que 1PL IMPERF aprender hora-que 1PL
bai skóla]], é língua sugundu.
ir escola ser língua segundo
‘O Português, que nós aprendemos quando vamos para a escola, é a segunda língua.’ (Veiga, 2005:5)
- (3) [_{DP} Ø [_{CP} Ken_i ki t_i podeba]], ta faseba ropa nobu
Quem que poder(IMPERF) IMPERF fazer roupa novo
pa bá missa.
para ir missa
‘Quem podia, fazia roupa nova para ir à Missa.’ (Santos, 1999:7)

As orações relativas têm sido tratadas na literatura como frases abertas que funcionam como predicados, exigindo movimento explícito de um operador relativo para *Spec/CP* a partir da sua posição de origem. Por esta razão, a formação de orações relativas está sujeita a:

- (A) – Condições de ligação sobre o movimento explícito (cf. (4), para uma violação do NP Complexo em Português Europeu, língua lexificadora do CCV);
(B) – Condição do Elo Mínimo, uma condição sobre cadeias.
- (4)*A pessoa_i [_{CP} com quem_i tu encontraste [alguém que falaria t_i]] está doente.

No entanto, este tipo de análise não dá conta das orações relativas que não são formadas por movimento-A’, como afirmou Chomsky (1995:71): «it would remain to extent the analysis to languages that form relatives with in-situ pronouns (resumptive pronouns) and full NP heads in the position of the variable above (...)».

No quadro teórico da *Derivation by Phase* (cf. Chomsky, 2001), as orações relativas formadas por movimento-A’ envolvem três operações na sintaxe estrita:

*Merge/Agree/Attract*². *Merge* o operador relativo/nulo (OP), *Agree* o operador relativo/nulo com o N antecedente, *Attract* o operador relativo/nulo para *Spec/CP* (com ou sem *pied piping*).

No caso das línguas que permitem formação de orações relativas sem movimento-*A'* de um operador para *Spec/CP* (como o CCV), o processo requer apenas *Merge/Agree*, sendo *Move* (como uma operação compósita de *Agree/Attract*) bloqueada e dando lugar às estratégias cortadora (*PP-chopping*) e resumptiva.

Assumindo que *Agree/Attract* é uma operação mais custosa do que *Agree* apenas, parto das seguintes hipóteses de trabalho:

- (i) o CCV disponibiliza orações relativas formadas por *Merge/Agree* ou por *Merge/Agree/Attract*, e
- (ii) as duas possibilidades expressas em (i) são o resultado da natureza dos marcadores relativos.

2. Tipos de orações relativas e estratégias de relativização

A escolha de determinada estratégia de relativização varia através das línguas em função do tipo de oração relativa.

Tradicionalmente, distinguem-se as relativas restritivas das apositivas e das livres segundo o seu comportamento sintáctico e semântico. Nesta secção vou fazer uma breve abordagem das possibilidades de formação de orações relativas em CCV.

2.1. Relativas restritivas e apositivas

Semanticamente, as relativas restritivas e as apositivas são distinguidas pelo tipo de modificação que operam sobre o nome antecedente.

As relativas apositivas do CCV operam sobre expressões nominais com unicidade referencial (cf. (13)) ou sobre pronomes pessoais (cf. (7))³. Quanto à interpretação do

² Chomsky (2001:10) diz que «the combination of Agree/pied-piping/Merge is the composite operation Move, preempted where possible by the simpler operations Merge and Agree».

³ Em CCV, ainda podemos obter uma leitura apositiva de uma relativa com antecedente nominal [-definido, +específico], como em (i). No entanto, este tipo de antecedente não é exclusivo das relativas apositivas, podendo ocorrer também nas restritivas, como em (ii). Esta questão, apesar de interessante, não será desenvolvida aqui.

(i) [*Un emigranti*, ki ka sabeba lè], pidi-nu pa nu
 um emigrante que NEG saber(IMPERF)+ba ler pedir(PERF)-1PL para 1PL
 skrebe-l un karta pa si mudjer.
 escrever-3SG um carta para POSS(3SG) mulher

'Um emigrante, que não sabia ler, pediu-nos que escrevêssemos uma carta à sua mulher.' (Veiga, 2005:2-3)

(ii) Kes mudjeris ki bu atxa [un omi ki papia ku-es],
 DET mulheres que 2SG encontrar(PERF) um homem que falar(PERF) com-3PL
 es ta fase un katxupa sabi.
 3PL IMPERF fazer um cachupa bom

Lit.: 'As mulheres que tu encontraste um homem que falou com elas, elas fazem uma boa cachupa.'

DP relativizado, as relativas restritivas apresentam duas propriedades fundamentais:

- (i) normalmente, fazem uma asserção sobre o nome que modificam (cf. (8)-(10));
- (ii) disponibilizam um valor hipotético que é obtido através da ocorrência obrigatória de um N ‘bare’ como antecedente da relativa e de um predicado de Individual/Kind-level no interior da oração relativa (cf. Alexandre & Soares, 2005).

Note-se que as frases relativas em (5), uma construção proverbial, e (6), uma frase dependente do discurso, operam sobre Ns [+contável, ±singular] (*ómi / katxor*, respectivamente), sendo interpretadas como [-específico] e desencadeando uma leitura Genérica⁴.

- (5) {*Un/*Kel} *ómi ki ta doensi ka ta*
 DET homem que I/K-LEVEL adoecer NEG I/K-LEVEL
 bai trabadju.⁵
 ir trabalho
 ‘Homem que adoeca não vai trabalhar.’

- (6) *Kel mininu-li ta fase senpri mesmu kusa:*
 DEM menino-DEM I/K-LEVEL fazer sempre mesmo coisa
 {*un/*kel} *katxor k’e ta odja na rua,*
 DET cão que-3SG I/K-LEVEL olhar em rua
 e *ta leba pa kasa.*
 3SG I/K-LEVEL levar para casa
 ‘Este rapaz faz sempre a mesma coisa: cão que ele encontre na rua, leva para casa.’

Sintacticamente, as relativas restritivas e apositivas do CCV podem ser formadas pela estratégia de ‘gap’. Em CCV, quando um DP é relativizado, estas relativas envolvem movimento-A’ de um operador nulo para *Spec/CP*, deixando obrigatoriamente uma categoria vazia no local de extracção. Este tipo de construções é ainda introduzido exclusivamente por *ki* ‘que’. Em termos minimalistas, esta estratégia consiste em *Merge/Agree/Attract* sem *pied piping*.

Em CCV, esta estratégia ocorre sempre que há relativização de um DP/SU (cf. a relativa apositiva de (7)) ou OD (cf. a relativa restritiva de (8)) e de complementos nominais (com Caso Genitivo), que são, tipicamente, estruturalmente semelhantes às relativas de SU (vd. (9)-(10) e confronte-se a última com (7)).

⁴ Uma relativa apositiva não permite que os Ns [+específico] recebam um valor hipotético, como em (i):

(i) *Djon, ki ta doensi, ka ta bai trabadju.
 João que IMPERF adoecer NEG IMPERF ir trabalho
 ‘*O João, que adoeca, não vai trabalhar.’

⁵ Note-se que, nas línguas românicas, as frases em (5) e (6) envolvem o Modo Conjuntivo. O facto de o CCV não ter Conjuntivo não diminui o conjunto de leituras possíveis nesta língua.

- (7) Amí, [CP [SU OP]_i t_i ki é kauberdianu], N gosta txeu
 1SG que ser cabo-verdiano 1SG gostar(IMPERF) muito
 di múzika.
 de música
 'Eu, que sou cabo-verdiano, gòsto muito de música.'
- (8) (Kes) flor_i [CP [OD OP]_i ki bo panha t_i] es é mutu bunitu.
 (DET) flor que 2SG apanha(PERF) 3PL ser muito bonito
 'As flores que tu apanhaste são muito bonitas'
- (9) Baka_i [CP [GEN OP]_i ki si_i fidju móre]...
 Vaca que POSS filho morrer(PERF)
 'A vaca cujo filho morreu...' (Veiga, 2000:180)
- (10) Anos nu papia ku kes mudjeris_i [CP [SU OP]_i ki t_i
 1PL 1PL falar(PERF) com DET mulheres que
 tinha ropa xuxu].
 ter(IMPERF) roupa sujo
 Lit.: 'Nós falámos com as mulheres que tinham a roupa suja.'
 Equivalente a: 'Falámos com as mulheres cujas roupas estavam sujas.'

Esta língua disponibiliza ainda outra estratégia de relativização que envolve *Merge/Attract*. Contudo, este processo não permite um 'gap', *i.e.*, o local de extracção tem de ser preenchido com um pronome invariável (3SG), um vestígio realizado que não tem os mesmos traços- ϕ do nome antecedente. O vestígio realizado ocorre imediatamente depois de uma preposição 'abandonada' e a estratégia é activada sempre que um PP é relativizado, tendo sido designada na literatura (cf. Veenstra & den Besten, 1995:313, entre outros) de *Preposition Stranding with Spelled-out Trace* (PSST)⁶, como em (11).

- (11) Kes mudjeris_{[+PL]_i} [CP [OBL OP]_i k'N papia ku-el_{[+SG]_i}]
 DET mulheres que-1SG falar(PERF) com-3SG
 es bai parti.
 3PL ir(PERF) partir
 Lit.: 'As mulheres que eu falei com ele, elas foram-se embora.'
 'As mulheres com quem falei foram-se embora.'

A estratégia de PSST parece competir com outra que lhe é superficialmente similar, mas diferente significativamente – a resumptiva – e os falantes do CCV tendem a oscilar na escolha entre elas⁷.

⁶ Alexandre & Hagemeyer (2002) mostraram que esta estratégia está disponível para quase todos os Crioulos atlânticos de base portuguesa (CCV de Santiago, Kriyol, Santome, Principense e Angolar). Veja-se também Muysken (1977) e Dijkhoff (1983) para o Papiamentu.

⁷ Se «one of the central questions in creole studies is whether creoles pattern with their superstrates or with

A estratégia resumptiva é semelhante à PSST na medida em que ocorre sempre que um PP é extraído por relativização (cf. (12)-(13)). No entanto, esta estratégia não envolve movimento-A' e, na posição de origem, surge um pronome com os traços- ϕ do nome antecedente (especificamente, número). A interpretação da oração relativa é assegurada pela inserção de um operador nulo em *Spec/CP*, constituindo uma análise baseada em *Merge/Agree* (sem *Attract*).

- (12) *Kes mudjeris*_{[+PL]_i} [_{CP} [_{OBL} OP]_i] *k'N* papia *kos*_{[+PL]_i}
 DET mulheres que-1SG falar(PERF) com-3PL
 es bai parti.
 3PL ir(PERF) partir
 Lit.: 'As mulheres que eu falei com eles, elas foram-se embora.'
 'As mulheres com quem falei foram-se embora.' (= (9))

- (13) *Djon ku Maria*_{[+PL]_i} [_{CP} [_{OBL} OP]_i] *ki* *si* armun ta
 João com Maria que POSS(3SG) irmão IMPERF
 bai skola *kos*_{[+PL]_i}, é fidju di téra.
 ir escola com-3PL ser filho de terra
 Lit.: O João e a Maria, que o seu irmão vai para a escola com eles, são filhos da terra.
 'O João e a Maria, com os quais o irmão vai para a escola, são caboverdianos.'

Os dados apresentados até aqui conduzem-nos à seguinte generalização empírica:

- (14) Nas orações relativas do CCV, só os DPs podem ser atraídos para *Spec/CP*, enquanto os PPs não podem (*i.e.*, as estratégias PSST e resumptiva funcionam como um escape ao *pied piping*).

Finalmente, realço o facto de todos os CPs relativos que ocorrem nos exemplos acima serem introduzidos por *ki*, condicionando uma adaptação do Quadro 1.

Estratégias de Relativização		Natureza categorial do elemento extraído
Com movimento-A' (<i>Merge/Agree/Attract</i>)	'Gap' sem <i>pied piping</i>	DP
	PSST	PP
Sem movimento-A' (<i>Merge/Agree</i>)	Resumptiva	

Quadro 2. Estratégias de relativização em CCV

their substrates» (cf. Veenstra & den Besten, 1995:304), então, refira-se que a estratégia PSST não ocorre em PE, nem sequer no discurso coloquial, onde a estratégia resumptiva é registada. Este poderá ser um tópico a investigar no futuro: ver se alguma destas estratégias estava disponível em PE no século XV ou mesmo antes dessa data.

A derivação deste tipo de relativas envolve, assim, *Merge* (de um operador explícito)/*Agree/Attract* (sem *pied piping*).

Sempre que a oração relativa opera sobre entidades [-animado] que não estão especificadas no Universo de Discurso, o CCV disponibiliza uma estratégia alternativa às relativas ‘puramente’ livres, nomeadamente, uma relativa ‘semilivre’ que requer como antecedente o nome *kusa* ‘coisa’, uma forma pró-N que lexicaliza o traço semântico [-animado] (cf. (19)-(20)).

- (19) [DP *Kusa*_i [CP [OP]_i *ki t_i* *kontise* na *kasa* di *Maria*]]
 Coisa que acontecer(PERF) em casa de Maria
 so el *ki* sabe.
 Só 3SG que saber
 ‘O que aconteceu na casa da Maria só ela é que sabe.’

- (20) [DP *Kusa*_i [CP [OBL OP]_i *ki (...)* nu *debe (...)* ten *grandi*
 Coisa que 1PL dever ter grande
orgudju na [el]_i] é *kiriolu*.
 orgulho em 3SG ser crioulo
 ‘Aquilo em que devemos ter um grande orgulho é o crioulo.’
 (Silva, 1998:109)

O CCV dispõe ainda de uma outra estratégia de formação de relativas semilivres. Esta alternativa encontra-se nos casos em que o N antecedente da relativa é elidido e a posição de D° é obrigatoriamente preenchida por *kel/kes* ‘o(s)’, (cf. (21)).

- (21) [DP *Kel*_i ∅ [CP [OP]_i *ki nu fase t_i* pa nos *língua*]],
 DET que 1PL fazer para POSS língua
 nu fase pa nos.
 1PL fazer para 1PL
 ‘O que fizemos à nossa língua, fazemos a nós próprios.’ (Silva, 1998:114)

Segundo Raposo (2003), é possível haver elipse de N com realização do artigo definido se houver material lexical na periferia direita do DP (como em (21)). Apesar de o *kel/kes* ter uma natureza problemática na medida em que oscila entre um pronome demonstrativo e um artigo definido, Alexandre & Soares (2005) assumiram que «o seu estatuto de demonstrativo só não é questionável quando co-ocorre com o clítico dêictico *-li/-la*» e que «o CCV está a desenvolver um artigo definido – *kel/kes* – (...), que veicula explicitamente [definitude] e [número]».

Em (21), uma frase descontextualizada, o DP relativizado com o N antecedente elidido (*kel ki nu fase pa nos língua*) é interpretado como [+def., -específico]. Contudo, nas frases dependentes do discurso, torna-se disponível uma interpretação [+def., +específico] do DP relativizado (cf. (22)).

- (22) Purki tanbe pa [txeu algen]_i, sobritudu pa
 Porque também para muito alguém sobretudo para
 [DP kes_i Ø [CP [OP]_i ki t_i ka ta papia kriolu]],
 DET que NEG IMPERF falar crioulo
 é un oportunitadi pa es.
 ser um oportunidade para 3PL
 ‘Porque, para muitas pessoas, sobretudo para as que não falam crioulo, é uma
 oportunidade (Veiga, 1997)’

Ambas as relativas semilivres (com ou sem elipse de N) podem ser derivadas da mesma forma que as relativas restritivas com função de SU e de OD, *i.e.*, *Merge* (de um operador nulo)/*Agree/Attract* (sem *pied piping* – cf. (20)).

2.3. *Undi* – um caso problemático

O CCV disponibiliza ainda uma estratégia de ‘gap’ que envolve *Merge/Agree/Attract* com *pied piping*. A questão é que o *pied piping* é permitido em CCV apenas quando *undi* ‘onde’ introduz uma oração relativa. Neste caso, o operador relativo *undi* move-se para *Spec/CP*, deixando uma categoria vazia no local de extracção e arrasta (por *pied piping*) uma Prep com ele. Esta estratégia ocorre sempre que um PP [+Locativo] é relativizado, como em (23).

- (23) Kes loja_i [CP [PP/LOC na undi]_i N konpra
 DET loja em onde 1SG comprar(PERF)
 es ropa-li t_i] es fitxa.
 DEM roupa-DEICT 3PL fechar(PERF)
 ‘As lojas onde eu comprei estas roupas fecharam.’

É ainda de salientar o facto de a Prep arrastada com *undi* ser *na* ‘em’, uma preposição que tem o mesmo valor semântico que o operador relativo: [+Locativo]. Note-se que em PE, apesar de ser possível a sequência *Pa’para + onde*, o advérbio relativo nunca ser precedido pela preposição que veicula o mesmo valor semântico (*em*) (cf. (24)). Por sua vez, a preposição *em* ocorre apenas nas orações relativas de locativo introduzidas por *que*, como em (25).

- (24) A terra, [CP [para onde]_i; vais t_i] não tem electricidade.

- (25) A livraria, [CP [em que]_i; eu comprei estes livros t_i] fechou.

Retomarei este problema mais adiante.

3. A natureza dos marcadores relativos

As orações relativas do CCV evidenciam claramente duas possibilidades de relativização: *Merge/Agree/Attract* (sem *pied piping*), para a extracção de DPs ou de

PPs, com vestígios realizados no último caso, e *Merge/Agree*, para a extracção de PPs com pronomes resumptivos. A hipótese que adiantei na introdução, de que a existência destas estratégias é o resultado da natureza dos marcadores relativos, é agora retomada considerando as seguintes questões:

- (i) Há, em CCV, complementadores relativos?
- (ii) Há, nesta língua, pronomes relativos?
- (iii) Se sim, quais as suas características?

Quanto a (i) e (ii), a resposta é sim, como se mostra no Quadro 3.

Tipos de orações relativas		Marcadores relativos
Com antecedente	Restritivas	Ki
	Apositivas	
Livres	'Puramente' livres	Ken/kenha ki
	Semilivres	Kusa ki Kel ki

Quadro 3. Orações relativas e marcadores relativos em CCV

Quanto a (iii), é sabido que as línguas costumam fazer distinções formais entre orações relativas e completivas. O PE, por exemplo, utiliza morfemas como *quem*, *que*, *qual*, etc., para frases relativas, enquanto introduz as completivas verbais, nominais ou adjectivais com *que*, um elemento homófono do complementador relativo *que*. Tal situação contrasta com uma língua como o CCV, que trata as frases relativas e as completivas nominais ou adjectivais da mesma forma, introduzindo-as com *ki* 'que' (cf. (26)).

- (26) É [AP orijenti] [CP ki ranjadu tenpu pa nu komesa ta
 Ser urgente que arranjar tempo para 1PL começar IMPERF
 toma asériu es patrimóni kultural].
 tomar a-sério DEM património cultural
 'É urgente que se comece a arranjar tempo para começarmos a levar a sério este património cultural.' (Silva, 1998: 110)

No entanto, as completivas verbais são introduzidas por *ma* 'que', com predicados declarativos (cf. (27)), *pa* 'para', com predicados volitivos (cf. (28)), *pamodi* 'porque', com predicados factitivos (cf. (29)), e *si* 'se', nas interrogativas indirectas (cf. (30)).

- (27) Djon fla m'e odja kes mudjeris-li.
 João dizer(PERF) que-3SG olhar(PERF) DEM mulheres-DEICT
 'O João disse que viu estas mulheres.'

(28) Bo bu kre pa nu fasi trabadju.
 2SG 2SG querer(IMPERF) para 1PL fazer(IMPERF) trabalho
 'Tu queres que façamos o trabalho.'

(29) N atxa rabes pamodi e ka kumi
 1SG achar(IMPERF) revés porque 3SG NEG comer(IMPERF)
 nha kumida.
 POSS(1SG) comida
 'Lamento que ele não coma a minha comida.'

(30) N ka sabi si Djon ki gosta di Maria.
 1SG NEG saber(IMPERF) se João que gostar(IMPERF) de Maria
 'Não sei se o João é que gosta da Maria.'

Os dados apresentados até aqui contribuem para a seguinte generalização empírica:

(31) *ki* tem um traço [+D].

De facto, a função sintáctica generalizada de *ki* está em sintonia com o traço nominal das seguintes orações subordinadas: relativas (de quase todos os tipos) e completivas nominais ou adjectivais⁸.

Neste ponto da análise, proponho que C° tem os traços [Q: ±, D: ±]. Se C° for ocupado por *ki*, encontramos duas possibilidades:

- (i) se C° for preenchido por *ki* [-Q, +D], o CP que introduz funcionará como uma completiva do antecedente (N ou A).
 (ii) se C° for preenchido por *ki* [+Q, +D], introduz um CP_{rel}.

É a natureza de *ki* ([+D]) que condiciona os dois cenários distintos que registámos no Quadro 2., nomeadamente:

- (A) – *Merge/Agree/Attract*, sem *pied piping*;
 (B) – *Merge/Agree*, sem extracção e com pronomes resumptivos.

Na derivação do cenário (A), C° é uma *probe* que procura um *goal* [+Q] para que a operação *Agree* se verifique e atrai o *Goal* [+D] (o operador relativo/nulo) para *Spec/CP*. C° tem, então, duas possibilidades:

- (i) se o constituinte relativizado for um DP, o operador relativo/nulo é atraído para *Spec/CP* deixando uma categoria vazia;
 (ii) se o constituinte relativizado for um PP, apenas parte dele é atraída – DP –, deixando um vestígio realizado no local de extracção.

⁸ Note-se que *ki* também ocorre, obrigatoriamente, em interrogativas e clivadas.

Na derivação do cenário (B), C° é uma *probe* que procura um *goal* [+Q], como em (A), mas agora o operador nulo é inserido (por *Merge*) em *Spec/CP* e *ki* faz *Agree* à distância com o PP relativizado. Como não há extracção, a estratégia resumptiva é a única permitida.

Isto sugere que, em CCV, o que determina crucialmente a escolha de um processo de relativização é o facto de ele recair sobre DPs ou PPs (cf. Bianchi, 2002:103, nota 1). Deste modo, é o traço [+D] de *ki* que bloqueia o *pied piping* em CCV. Explica-se, assim, o caso de *undi* (cf. §2.3.), ou seja, em (23), *na undi* pôde sofrer *pied piping* porque C° não estava preenchido por *ki*.

Prediz-se então que as orações relativas do CCV só podem ser formadas por uma estratégia de *pied piping* se e só se não houver um *ki* em C° .

4. Comentários finais

Em CCV, as três estratégias de relativização ('gap', PSST e resumptiva) que operam sobre os quatro tipos de orações relativas analisados (restritivas, apositivas, livres e semilivres) funcionam de uma forma bastante 'arrumada': são os traços formais de *ki*, associados à natureza categorial do elemento extraído, que determinam a estratégia a ser usada⁹.

Referências

- ALEXANDRE, Nélia & HAGEMEIJER, Tjerk (2002) Pronomes Resumptivos e Abandono de Preposição nos Crioulos Atlânticos de Base Lexical Portuguesa. In *XVII Encontro Nacional da APL*. Lisboa: Colibri, pp. 17-29.
- ALEXANDRE, Nélia & VERDIAL SOARES, Nuno (2005) O domínio nominal em Crioulo de Cabo Verde: o puzzle dos Bare Nouns. In *XX Encontro Nacional da APL*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 337-350.
- BIANCHI, Valentina (2002) Resumptive relatives and LF chains. In Guglielmo Cinque (Ed.) *Functional Structure in DP and IP: the cartography of syntactic structures*. Oxford: Oxford University Press, pp. 76-114.
- CHOMSKY, Noam (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- (2001) Derivation by Phase. In Michael Kenstowicz (Ed.), *Ken Hale: A Life in Language*. Mass.: MIT, pp. 1-54.
- COMRIE, Bernard (1981) *Language Universals and Linguistic Typology – Syntax and Morphology*, Mass.: Blackwell Publ.
- DIJKHOFF, Michel (1983) *The Resumptive Pronoun Strategy in Papiamentu*. MA Thesis, Holanda: Univ. de Gröningen.
- GROSU, Alexander & LANDMAN, Fred (1998) Strange relatives of the third kind. In *Natural Language Semantics*. 6:2, pp. 125-170.
- MUYSKEN, Peter (1977) Movement rules in Papiamentu. *ACS I*, pp. 80-102.

⁹ Note-se que o PE, por exemplo, não se comporta de uma forma tão ordenada relativamente a este aspecto da gramática, já que a estratégia resumptiva tanto pode ocorrer com DPs/SU ou OD, como com PPs/OBL.

- RAPOSO, E. Paiva (2003) Towards a unified syntax of determiners and pronominal clitics in Romance. In *Conversas d'Horat*, Lisboa: CLUL.
- SANTOS, Horácio (1999) Nhas Lenbransa – Féstas na Kau Berdi. In *Aliança*, Dez., p. 7.
- SILVA, T. Varela da (1998) Kiriolu: Spedju di nos alma. In *Cultura* (2), pp. 109-131.
- VEENSTRA, Tonjes & den BESTEN, Hans (1995) Fronting. In *Pidgin and Creoles: an introduction*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 303-315.
- VEIGA, Manuel (2000) *Le Créole du Cap-Vert – étude grammaticale descriptive et contrastive*. Paris: Karthala.
- (2005) Nason global kabuverdianu: lugar di kultura, papel di língua. In (<http://www.capeverdeancreoleinstitute.org/LWF00001.gif>), 17-05-2005.